

UM NOVO ALVORECER

Luiz Carlos Corrêa Carvalho

“A motivação é uma porta que se abre por dentro”

Mario Sergio Cortella

Em pleno verão brasileiro, 2020, com as temperaturas elevadas e os dias longos, bons indicadores de produtividade agrícola e preços animadores, um raro cenário de encontro de ótimas notícias desenhava um “céu de brigadeiro” ao setor sucroenergético. Um ano pintado excepcional, com o lançamento do RenovaBio, carregava as tintas de otimismo e ânimo para seguir com os fundamentais investimentos já efetivados em 2019. Houve grande renovação de áreas em 2019, além do maior uso dos insumos modernos e importante renovação da frota de máquinas e carros.

Em suas reuniões de 2019, de abril e de outubro, a Canaplan lançava o que chamava de um “um novo ciclo setorial” iniciado.

Na esteira da usina, o verde dos colmos era a esperança de uma safra 2020/21 relevante, para deixar marcas do progresso, esperado.

Em pleno carnaval brasileiro, começam a surgir notícias de um vírus na China, que, em poucas semanas, se transforma em pandemia, sem defesa inicial, sem noção de tempo, somente reclusão, máscara e lavar as mãos.... despencam o consumo de combustíveis e, até, do açúcar!

Esse cenário Kafkaniano (derivado de Franz Kafka, classificando situação desesperadora, claustrofóbica e traumática) travou, literalmente, as ações dos produtores que viram preços do petróleo WTI negativos!

Entre o céu de brigadeiro e o mundo de Kafka, o setor sucroenergético conviveu com dias negros, escurecidos com a revoada dos cisnes negros de Nassim Taleb (acontecimento de impacto desproporcionado).

À queda da demanda de petróleo e dos seus derivados, se juntou a do etanol; além da queda média histórica do consumo do açúcar, se somou mais negativamente a pandemia.

Passadas algumas semanas do trauma, o mundo real vai se restabelecendo e o bom senso se firmando: os fundamentos que geraram a perspectiva de céu de brigadeiro continuavam.... claro que com as limitações do COVID-19, mas continuavam...!; o mundo de juros baixíssimos continuava e as commodities seguiam alimentando as ações dos Fundos Especulativos.....pouco a pouco os preços do petróleo voltam aos US\$30/barril, aos US\$ 40/barril e os do açúcar aos US\$ 11-12 c/lb... Em nov/20, US\$ 15 c/lb!

A moeda Real brasileira se desvaloriza frente ao Dólar e um milagre se processa: açúcar vendido a R\$ 1.500,00/tonelada a um custo cheio de R\$ 1.200,00/tonelada e o etanol subindo e acompanhando a recuperação dos preços do petróleo!

À mágica da confiança, com as fixações dos preços e hedge do dólar, por um lado, se soma a colheita com boa produtividade agroindustrial. Isso aconteceu em todo o Centro-Sul brasileiro, com todas as cores da dispersão de dados típica da região e entre os produtores.

À forte queda da demanda de etanol, o modelo flexível das indústrias brasileiras permitiu a arbitragem pelo açúcar, que remunerava bem.... o etanol agradeceu e os preços recuperaram ainda em maior velocidade!

O fato é que a safra 2020/21 está desenhada como uma das melhores até então, o que é algo realmente impressionante.

Nesse momento é fundamental rever os comentários iniciais:

- a) Os bons investimentos no ano de 2019 em tecnologia e no percentual de renovação da área plantada foram a base de sustentação da boa safra 2020/21;
- b) O bom verão e um canavial “alimentado” e “defendido” como uma base estrutural para uma boa produtividade agrícola;
- c) A seca forte e a melhoria da qualidade da matéria prima, o que leva, com boa produtividade agroindustrial à redução dos custos; com bons preços, à redução do endividamento.

Após um longo período, onde o Centro-Sul canavieiro, na média, perdeu 2 toneladas de ATR/hectare, há nas últimas safras um real movimento de recuperação da produtividade, que, na safra 2020/21 atingirá 11 a 11,2 ton ATR/ha ou o mesmo que dizer que recuperou 50% do que já teve na entrada da década de 2010.

Esse processo se deu como citado, pelo claro aumento no uso das tecnologias disponíveis e na renovação dos canaviais.

O processo de recuperação da produtividade agroindustrial “casa” com o lançamento do RenovaBio que, além de transmitir confiança pela visão prospectiva decenal da matriz energética brasileira, pela lógica do estímulo à eficiência, na produtividade agrícola, na longevidade do canavial, e na sua qualidade da matéria prima processada e, agora, na redução das emissões de CO₂.

Trata-se de um momento ímpar:

- a) Eleição de um Democrata como Presidente Norte-Americano que deverá retornar os EUA ao Acordo de Paris (descarbonização); deverá fortalecer a OMS (Organização Mundial da Saúde) e a OMC (Organização Mundial do Comércio – essencial ao Brasil nas questões relativas aos subsídios, tipo Índia e açúcar);
- b) Fortalecimento global da chamada Bioeconomia, nela salientando-se os Biocombustíveis;
- c) Crescimento das exigências ambientais no mundo, valorizando o etanol em países como a Índia e a China, expandindo assim o mercado internacional de biocombustíveis;
- d) Retorno do capital externo ao Brasil, em parceria com o capital local na expansão setorial e na agregação de valor aos produtos açúcar, etanol, bioenergia elétrica e biogás.

O Brasil tem, na cana-de-açúcar, uma das mais ricas cadeias produtivas do seu Agro. Afinal as principais desenvolvedoras globais de moléculas para a defesa vegetal (pragas/doenças) da cana estão no Brasil; as grandes empresas globais de máquinas e caminhões, trazendo o excepcional desenvolvimento das tecnologias de informação ao setor também estão aqui; várias competentes empresas de fertilizantes, corretivos de solo e biotecnologia estão alimentando pipelines de tecnologia ao produtor canavieiro brasileiro. Ao mesmo tempo, há o CTC – Centro de Tecnologia Canavieira e as variedades transgênicas, além dos competentes IAC-SP e a rede Ridesa das Universidades Federais, sem contar as Universidades Estaduais e suas pesquisas e o crescente número de startups atuando em novas ferramentas técnicas ao setor.

Essas ferramentas tecnológicas já muito utilizadas nas culturas como a soja e o milho estarão ganhando escala na cana-de-açúcar, por um lado. De outro lado, promovendo sinergia da cana tanto com o milho, em planta de etanol com ambas as culturas como matéria prima, como com o amendoim, a soja e outras leguminosas. Essa forma de utilizar intensivamente o

solo em rotação de culturas traz vida à biodinâmica dos solos pobres quimicamente e com baixos teores de matéria orgânica.

Não há dúvidas, que a tendência nesta década é a de ganhos de escala industrial e produtores agrícolas mais capacitados, assim como a profissionalização das Cooperativas e Associações de Classe.

O momento setorial é novo e brilhante¹

A região Nordeste acompanhará esse processo e a sua localização geográfica é relevante assim como sua estrutura logística setorial.

A cada ano que o processo de descarbonização avance, onde os biocombustíveis como o etanol, o biodiesel, o biogás e o bioquerosene avancem, ainda muito se verá na ponta da cadeia produtiva, onde os produtores de veículos estarão olhando, além dos carros elétricos, às misturas (blends) dos combustíveis fósseis e os renováveis, seja em veículos híbridos ou esmo no encaminhamento dos esforços na célula de combustível. Isso sem contar os avanços de sucroquímica e da alcoolquímica.

É claro que será preciso trazer a bordo desse movimento os grandes conglomerados de energia, assim como os dos motores e veículos, aliás até nesse sentido o Brasil está à frente: a Raízen (Shell + Cosan) e a BPFunge são grandes produtores canavieiros, do etanol e da bioenergia, já respondendo por quase 20% da oferta de produto no país; a Toyota lançou, no Brasil, o FFV híbrido!

Muitos países estão na fase de transição de energia, neste Séc. XXI.....o Brasil já fez isso e somente aperfeiçoará o seu modelo. O Brasil seria a máquinas que moverá o mundo no sentido dos biocombustíveis, e o fará com bioenergia!

As políticas públicas, se não corrompidas, permitirão isso. O que não pode acontecer é um tipo de retrocesso onde o RenovaBio seja perturbado por judicialização de explícita má vontade de alguns agentes da cadeia produtiva ou medidas antigas de um momento autoritário, como a redução dos níveis de mistura (blends) seja do etanol na gasolina ou do biodiesel no diesel, por exemplo. Tem-se que acreditar no mercado. Ele resolverá questões que a intervenção do Estado somente as complica.

Entre as grandes questões que são conquista setorial, a valorização das externalidades dos biocombustíveis somente melhorará ainda mais com os ganhos de produtividade do uso das ferramentas técnicas à disposição dos produtores.